

## MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AULA DE HISTÓRIA: O USO DO MONUMENTO HISTÓRICO-CULTURAL NA APRENDIZAGEM HISTÓRICA

### MEMORY AND HERITAGE IN HISTORY CLASS: THE USE OF HISTORICAL AND CULTURAL MONUMENTS IN THE HISTORICAL LEARNING

Jaqueline A. M. Zarbato<sup>1</sup>  
Caio Vinicius dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa analisar os usos do patrimônio cultural na história ensinada, a partir de atividade realizada na prática de ensino de história, cujo objetivo era refletir sobre a representação cultural de determinado monumento histórico em consonância com a observação, participação e preservação, bem como com a interpretação por parte dos sujeitos que estudam história. Metodologicamente buscou-se aprofundar as abordagens sobre patrimônio e memória, cultura histórica e ensino de história. Com o entendimento de que as abordagens meta teóricas se imbricam e fundamentam diferentes práticas de ensino, apresenta-se também, uma atividade direcionada, com foco de análise na inserção no ensino de história. Desta maneira, utilizamos os materiais e referenciais da pesquisa que esta em andamento sobre “recontar a história de Três Lagoas, a partir do patrimônio histórico-cultural”.

**Palavras-chaves:** patrimônio histórico, ensino de história, cultura histórica.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the uses of cultural heritage in history education from activity performed in the practice of history teaching, whose aim was to reflect on the cultural representation of a historical monument in line with the observation, participation and preservation, as well as the interpretation of the subjects they study history. Methodologically sought to deepen the approaches to heritage and memory, historical culture and teaching history. With the understanding that the theoretical target approaches overlap and underlay the different teaching practices, it presents also a directed activity, with analysis focused on integration in teaching history. In this way, we use the materials and references of research that is ongoing on “retelling the story of Três Lagoas, from the historical and cultural heritage”

**Key-words:** heritage, history teaching, historical culture.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL, onde atua com Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado em História. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGH/UFMT). Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Patrimônio.

<sup>2</sup> Graduando em História, bolsista CNPq, do projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra Jaqueline Ap. M. Zarbato, intitulado: “Recontar a história de Três Lagoas, a partir do Patrimônio Histórico Cultural.

Lembrar que tudo o que o homem produz e faz é cultura, é um conceito que vai ajudar a compreender o mundo que nos rodeia de uma forma mais ampla e com menos preconceitos. (GRUNBERG, 2007, p. 4).

Este artigo abordará a reflexão sobre o uso do patrimônio histórico cultural na aula de História, especificamente de monumento histórica da cidade de Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. A inquietação em abordar a constituição e representação do patrimônio cultural como fonte para a aula de história se deve ao silenciamento das identidades regionais e de sua representatividade histórico cultural.

Assim, no processo de análise sobre a constituição da memória em relação ao conjunto arquitetônico, as festas, comemorações, hábitos e comportamentos questionou-se com alunos/as do 7º semestre do curso de História, as limitações e incorporações do patrimônio cultural na aula de História. E surgiram questões como: O que os bens culturais, como o relógio central podem revelar sobre a história regional e local? Que relação há entre o monumento e a identidade local?

Esses e outros questionamentos impulsionaram a reflexão sobre a importância de a educação patrimonial estar articulada ao ensino de História. E, seguindo da cultura histórica, visando complexificar as discussões e não de respondê-las, iniciou-se a investigação na prática de ensino de História.

Pensar no patrimônio cultural é inserir nas discussões históricas, as abordagens da educação patrimonial, a qual contribui para adentrarmos na história regional e local, de forma que possamos participar do processo de reconhecimento, valorização e preservação das identidades que são representadas pelo patrimônio. A preservação da memória, entendida aqui como elemento essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural em determinado lugar e situada num determinado tempo histórico contribui para a percepção do que fica registrado por diferentes grupos culturais acerca dos diferentes elementos patrimoniais.

Alguns elementos históricos são definidos como primordiais para a história local, construindo referenciais para a memória coletiva, a qual não é “somente uma conquista, como também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1996).

Nesse processo de valorização da memória coletiva, os monumentos se configuram legitimadores da rememoração e valorização do passado. E constituem-se como elementos que agregam a política do que deve ser lembrado. Então se esquece de que todos têm direito à memória, uma vez que o passado reconstituído justificava a legitimação de determinados

conjuntos de interesses. Para Dias (2006, p. 73), uma das características mais relevantes do patrimônio é ser tomado como referência para a construção de identidades culturais pelas mais diversas estruturas sociais e mesmo pelos cidadãos, em nível individual, de forma a converter-se no capital simbólico da sociedade. Esse fator é um elemento social de grande caráter subjetivo e, como tal, esteve exposto a importantes manipulações em função de determinados interesses, de fundo político ou ideológico, para justificar alguns fatos históricos, reclamar territórios ou explicar teorias de fundo nacionalista, entre outras.

E talvez por isso, os/as acadêmicos/as desenvolveram as atividades a partir do olhar sobre um monumento específico, o relógio central. Este monumento histórico constituiu-se na fonte histórica abordada na oficina que foi produzida com os/as acadêmicos. Em que foram apresentados outros elementos históricos pertencentes ao conjunto do patrimônio histórico, material e imaterial da cidade de Três Lagoas. Mas, a escolha de um elemento, favoreceu o aprofundamento das reflexões sobre a inserção de diferentes abordagens e linguagens no ensino de história. Mas, essa é uma história que vamos explicar depois, pois antes de adentrarmos ao ‘universo’ do que representava o relógio central para as pessoas em Três Lagoas e como poderíamos utilizar esse monumento nas aulas de história, trabalhamos com a turma, as questões sobre o campo epistemológico da história ensinada. E a fundamentação metateórica sobre patrimônio histórico.

As ações educativas que possam viabilizar a aproximação entre os sujeitos que estudam e aprendem, num processo que promova no ambiente escolar uma possibilidade de leitura da memória coletiva na relação com os monumentos históricos e das relações que se estabelecem entre eles, de forma analítica e crítica fundamenta as principais análises históricas. Conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6),

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural.

Neste sentido, os monumentos, conjuntos arquitetônicos e lugares notáveis compõem o chamado patrimônio cultural. Para Oliveira (2008, p. 98) o patrimônio histórico é concebido como “uma produção cultural [que] encerra em si características que favorecem, facilitam a

relação de ensino/aprendizagem por parte de quem o utiliza, por parte daqueles que o usam como fonte documental para a obtenção de conhecimento a respeito de uma determinada época, de determinadas condições socioeconômicas de produção de determinado bem, das relações de poder que demonstram que tal imóvel, por pertencer a uma determinada parcela mais abastada da sociedade, então, foi construído com material de melhor qualidade, pode explicar continuidades e mudanças ocorridas em determinados locais, entre várias outras potencialidades que estes documentos apresentam”.

Horta (1999. p. 17) destaca a definição de Sítio ou Monumento Histórico, como “fragmentos do cenário do passado, elementos de uma paisagem que sofreu modificação ao longo do tempo, e funcionam como chaves para a reconstituição das sucessivas camadas da ocupação humana e dos remanescentes que chegaram até nós” Ainda na análise sobre patrimônio cultural, Gonçalves (2002. p.121-122) afirma que:

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em ‘patrimônio’. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de ‘representação’, que funda a memória e a identidade. (...) Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de subjetividades individuais e coletivas, um recurso à disposição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público.

A abordagem sobre o patrimônio cultural reflete também o que os grupos sociais definem como representantes das identidades de cada região, de cada grupo, de construções subjetivas que estão ao alcance de todos/as no espaço público, o que impulsiona a relação com a memória, pois, o uso do patrimônio cultural relaciona-se com a memória social e coletiva e também com a história local.

Assim, relacionar história e memória são elementos presentes nesta análise, pois como afirma Jacques Le Goff (1994, p. 477) há memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Logo, trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens. Na análise e valorização dos monumentos, recorre-se à memória e histórias dos sujeitos locais, para compreender os processos de identificação, significação que são relacionados ao monumento. Para Circe Bittencourt (2004, p. 168), “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”.

Michel Pollak (1993) em seu estudo apontou que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, pois ela é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Essa reconstrução de si pode ser apresentada na relação dos sujeitos com o local onde vivem.

Neste caso, o sentimento de pertencimento no cotidiano, reflete-se na história local através dos usos da memória e, o monumento, no caso o Relógio Central tem diferentes representações para cada sujeito, os quais nas subjetividades enfocam a valorização do patrimônio cultural.

Jacques Le Goff (1990) aponta ainda a importância do papel da memória nas diferentes sociedades, já que esta pode atuar em diversas esferas sociais, sejam elas econômicas, políticas ou culturais, na legitimação de um determinado poder, tradição, ou identidade. Desta maneira, através do uso do relógio como patrimônio histórico-cultural, pode-se trabalhar com as diferentes memórias (individual, coletiva e selecionada).

Ricardo Oriá (2004, p. 134), ao fundamentar a análise sobre o direito à memória enquanto direito de cidadania, afirma que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais, os quais manifestam o passado, a tradição, a história. Desta forma, conhecer, difundir e valorizar um bem cultural ajuda a entender “quem somos, para onde vamos, o que fazemos” e precisa ser preservado, uma vez que faz parte de um acervo cultural, referência para produzir a nossa identidade histórico-cultural. Assim, segundo Oriá (2005, p. 139):

A memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas [...], sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história.

Relacionar o que as pessoas registram em suas memórias sobre a inserção do patrimônio cultural na história local, nos dá a dimensão do entendimento do reconhecimento cultural e social de diferentes grupos e, sendo transposto no ensino de história, possibilita que a pesquisa histórico-didática a importância que a história local seja compreendida como elementos formadores da cultura histórica e da cidadania.

Assim, seguindo as concepções de Ivo Mattozzi (2008), pautamos nossa análise sobre a educação e patrimônio, numa intrínseca compreensão da relação passado e presente. A

metodologia da Educação patrimonial pode contribuir para a compreensão do passado, instigando nos/as alunos/as os sentimentos de pertencimento ao seu lugar, com a inserção e utilização de procedimentos que podem constituir relações identitárias entre o educando e a história local através da construção de saberes sobre o patrimônio cultural. Segundo Mattozzi (2008, p 138), para abordar a questão do patrimônio é necessário analisá-lo segundo algumas premissas:

Primeiramente, porque os bens culturais são simplesmente marcas que devem ser transformadas em instrumentos de informação, mas se tornam elementos que marcam o território e são o meio de seu conhecimento. Em segundo lugar, porque são considerados parte de um patrimônio difuso no território, em relações com instituições e administrações que têm poderes de gestão de alguns aspectos do território (governos locais, superintendências, direções de museus e de sítios patrimoniais...). Graças ao uso dos bens culturais e graças à educação para o patrimônio, o aluno adquire conhecimentos sobre o território e sobre os problemas da sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico.

A lógica de inserção do estudo do patrimônio no ensino de história pode seguir a fundamentação proposta por Mattozzi, uma vez que envolve a produção do conhecimento histórico, bem como da valorização através da memória das identificações com o lugar em que se vive. Na abordagem mais sistemática sobre educação patrimonial, recorreremos às discussões que tratam efetivamente dos mecanismos utilizados para o reconhecimento, bem como para a efetivação da expressividade de determinado objeto no processo histórico-didático.

Para Maria de Lourdes Horta (1999) há alguns princípios que devem reger a educação patrimonial, para que seja possível compreender o processo permanente e sistemático do trabalho educacional, que utiliza o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.

Segundo a autora, a partir do entendimento de que os objetos e expressões do patrimônio cultural são ponto de partida para a atividade pedagógica, é possível ampliar esse conhecimento e os dados observados e investigados diretamente. Portanto,

A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um **processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização** de sua **herança cultural**, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. A observação direta e a análise das “evidências” (aquilo que está à vista de nossos olhos) culturais permitem à

criança ou ao adulto vivenciar a experiência e o método dos cientistas, dos historiadores, dos arqueólogos, que partem dos fenômenos encontrados e da análise de seus elementos materiais, formais e funcionais para chegar a conclusões que sustentam suas teorias. O aprendizado desse **método investigatório** é uma das primeiras capacitações que se pode estimular nos alunos, no processo educacional, desenvolvendo suas **habilidades de observação**, de **análise crítica**, de **comparação** e **dedução**, de **formulação de hipóteses** e de **solução de problemas** colocados pelos fatos e fenômenos observados.

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial lançado em 1999 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a Educação patrimonial é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”. (GUIA BÁSICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 1999, p. 7).

O ensino da história local, a partir do estudo do patrimônio cultural pode, assentar-se nas diversas memórias disseminadas nos mais diferenciados sujeitos sociais para que se possa apreender delas as diversas versões e olhares que a experiência histórica local se fundamenta e se constitui, não devendo, sob pena de cair na homogeneidade histórica concebida pela concepção “oficial” de memória e história e tão cara às gerações de nossos pais, está alicerçada na visão dominante de apenas um segmento da sociedade ou de determinados indivíduos que tomaram para si a alcunha de “autênticos repositórios” da memória social.

### **O PATRIMÔNIO E A HISTÓRIA LOCAL: A INSERÇÃO DO USO DO MONUMENTO HISTÓRICO NA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA**

Um dos encaminhamentos realizados após a produção do mapeamento dos elementos patrimoniais na cidade de Três Lagoas/MS foi a escolha por parte dos/as acadêmicos/as de que patrimônio seria investigado, se material ou imaterial. Além de sua representação para as pessoas da cidade, a cristalização desses elementos na memória, bem como da representação cultural sobre o patrimônio.

Decorrente das discussões foi selecionado o relógio central de Três Lagoas. A escolha deste monumento deve-se pelo seu tombamento como patrimônio cultural da cidade,

bem como um dos monumentos preservados e também por sua localização, o centro da cidade.

O relógio central de Três Lagoas foi construído em 1936, e é conhecido como o Senhor do Tempo. Com dez metros de altura é considerado patrimônio histórico três-lagoense, está localizado no centro da cidade. O relógio foi construído em frente à estação ferroviária de Três Lagoas, sendo um dos orientadores dos horários.

A estética do relógio central mostra que ele segue um padrão, com um losango, que remete ao mesmo modelo do losango da bandeira do Brasil. Não há informações de documentos que comprovem a identificação, porém, há os registros da construção que remetem ao período do Governo Vargas. Isso remete, ainda que no imaginário social, a identificação com o losango da bandeira do Brasil.

Na proposta de análise, pontuaram-se as questões estéticas, mas não se aprofundou sobre esse campo. Primou-se por analisar a representação na cultural histórica, a significação do relógio como monumento e o que representa para a cidade. Isso porque o relógio está situado entre duas avenidas principais do centro da cidade, sendo alvo, inclusive de propostas de demolição.

Neste sentido, ao abordar sua representação na cultura e história local, tem-se também a preocupação em manter uma parte do patrimônio cultural, visando à manutenção das identidades regionais.

Assim, trabalhou-se com as imagens do relógio central em diferentes períodos históricos. Cada imagem tem relação com o desenvolvimento da cidade, com as mudanças no cenário urbano, assim, como na busca por elementos históricos que identificassem a cultural do lugar.

A provocação de partir de imagens e não de documentos escritos, se deu justamente pela ausência de informações escritas, pois há poucos registros sobre o relógio. As informações da construção do monumento histórico são esparsas, e para aprofundar a análise sobre o contexto em que foi inserido o relógio foi coletado na Secretaria de Cultura.<sup>3</sup>

A partir da quantidade de imagens do relógio central que foram coletadas, separaram-se algumas, relacionando-as com as transformações no espaço urbano. Essa dinâmica previa envolver os/as acadêmicos/as na investigação histórica do relógio central.

---

<sup>3</sup> As informações e imagens coletadas sobre o relógio, sua importância na dinâmica da cidade, foram cedidas pela coordenadoria de cultura, da Secretaria de Cultura do Município de Três Lagoas, por Rodrigo Fernandes.



Relacionando as questões conceituais com este monumento da cidade transformado em documento histórico, podemos destacar a sua importância como parte de Três Lagoas, o seu valor identitário local, e sua autenticidade enquanto documento, o qual é um produto da sociedade que o criou. Sendo assim, “a história é o que transforma os documentos em monumentos” (LE GOFF, 1990, p. 536).

A produção de análise do patrimônio cultural em vias de construir material didático seguiu uma metodologia do ensino de História que parte da relação entre a cultura produzida e apreendida nos espaços educativos. Assim, na prática de ensino de história baseamos as análises metateóricas como impulsionadoras de um ensino de história que valoriza a complexa relação entre ensinar e aprender. As estratégias metodológicas são incorporadas, com vistas a ampliar o campo de abordagens e linguagens no ensino de História porque permitem, as discussões das evidências que decorrem das informações dos monumentos históricos permitem diferentes possibilidades de interpretação.

Visando aprofundar a reflexão sobre a representação cultural do relógio central, utilizou-se como uma das estratégias da didática da história, a aula oficina. De acordo com Isabel Barca (2001), nesse modelo de aula o professor terá que assumir-se como investigador social, para assim adquirir informações sobre o mundo conceitual dos alunos, não para julgá-los, mas para auxiliá-los na compreensão dos problemas históricos. O professor terá o trabalho de desenvolver e organizar atividades intelectualmente desafiadoras que tendem a problematizar o conhecimento histórico.

Desta maneira, seguiram-se as abordagens teóricas sobre patrimônio cultural, cultura histórica, memória, educação e patrimônio, ensino de história e educação histórica, que foram utilizadas como propulsores das discussões e da produção de conhecimento por parte dos/as acadêmicos/as. Nas aulas oficinas, inseriu-se uma questão norteadora sobre a importância do relógio central na cultura e na transformação da cidade. A partir dessa problemática, os/as acadêmicos/as envolveram-se na investigação histórica sobre o relógio, nos arquivos da Universidade, na prefeitura, na biblioteca pública, na secretaria de cultura. Após a coleta das informações iniciou-se a análise e montagem do mosaico de experiências relacionadas ao monumento histórico. O processo de análise buscou envolver as dimensões do ensino de história com a cultura local. De maneira, que se pode, como afirma Maria Auxiliadora Schmidt (2008), produzir a inserção do aluno na comunidade, de modo que ele identifique

como se constituiu um acervo de bens culturais materiais e imateriais que representam uma historicidade própria a esse lugar, associada ao contexto histórico nacional e internacional.

Na explicação sobre as mudanças em torno do monumento histórico, foram selecionadas várias fotografias. Das várias fotografias coletadas foram utilizadas para a aula oficina, cinco delas foram trabalhadas, de forma mais aprofundada. A escolha deve-se ao fato de que elas reproduzem os períodos históricos que representam as principais modificações no cenário urbano entorno do relógio central.

A primeira fotografia, que data da construção do relógio central, em 1936, foi utilizada para contextualizar o espaço de construção, em frente à ferrovia, a qual naquele período histórico ainda estava em funcionamento, com carregamento de cargas e transporte de pessoas. A posição estratégica do relógio tinha vinculação direta com a ferrovia, pois orientava sobre os horários do trem. Na fotografia é possível uma visão do relógio central, com a estação da ferrovia ao fundo, nota-se também que há muitas árvores, a rua não é pavimentada.



Imagem I: Relógio Central em 1930 (Fonte: Secretaria de Cultura de Três Lagoas)

A segunda fotografia apresenta outro período histórico, os anos 1950. Isso porque neste período têm-se algumas modificações no cenário urbano, as ruas já possuem pavimentação, há diminuição das árvores e palmeiras perto do relógio central, os edifícios do centro começam a ser destinados aos órgãos públicos. E estas modificações também alteram as relações das pessoas com o monumento histórico. Apesar da disposição da fotografia, com outro ângulo do relógio central, apresenta um espaço com concentração de comércio, dos edifícios públicos, como o prédio dos correios, em destaque na imagem. Ainda havia, neste período o funcionamento da ferrovia na cidade.



Imagem II - Vista do centro da cidade de TL (Fonte: Secretaria de Cultura de Três Lagoas)

A terceira fotografia, dos anos 1960, mostra um momento peculiar na cidade, com a vinda do grupamento da aeronáutica “esquadilha da fumaça”, o qual aglomerou as pessoas da cidade. Na reflexão realizada com os/as acadêmicos/as, foi analisada a importância do relógio central como uma espécie de ‘marco histórico’ em que as atividades culturais, os eventos sociais concentravam-se nas suas proximidades. Essas atividades e eventos, algumas vezes não tinham vinculação com a valorização deste monumento.



Imagem III - Força aérea brasileira sobre o relógio em TL (Fonte: Secretaria de Cultura de TL)

A quarta fotografia utilizada na aula oficina, já apresenta o espaço entorno do relógio central com maior movimentação de pessoas, com maior número de edificações comerciais. Nota-se que, neste contexto, o cenário urbano se redesenha em volta do relógio, e este fica entre a Rua Paranaíba e a Avenida Antônio Trajano.



Imagem IV - Relógio em 2014 (Fonte: Secretaria de Cultura de TL)

A quinta e sexta fotografia foram utilizadas na aula oficina para que fosse possível dialogar sobre a representação do monumento histórico, para além da função cultural. Ou seja, ele tem uma relação com a mobilização social e muitas vezes, é utilizado para manifestações sociais.



Imagem V e VI - Manifestações populares em torno do relógio-2013 (Fonte: Jornal o Povo, maio, 2013)

Com a análise dos diferentes usos do relógio central, bem como da análise sobre a manutenção e valorização deste monumento foram desenvolvidas discussões sobre o campo da educação patrimonial e, de que forma pode-se utilizar no ensino de história a relação entre o que este monumento representa para as pessoas, bem como da representação do patrimônio cultural em meio às transformações do cenário social.

A partir das problematizações de cada fotografia, do estudo sobre o contexto histórico, da representação cultural que o relógio tem na cidade, da fundamentação metafórica

da utilização do patrimônio no ensino de história, os/as acadêmicos/as escreveram, conforme a coleta das fontes e o entendimento de cada dupla, uma história, que tinha o relógio central como impulsionador para a compreensão do ensino de história.

A história construída pelos/as acadêmicos/as utilizou o arcabouço teórico, as imagens, as demais informações coletadas e serviria para construir a narrativa, a qual seria replicada depois com as crianças no Ensino Fundamental, em posterior atividade.

Cada narrativa utilizou a relação com o tempo histórico, com a estação ferroviária, com a imigração, com o povoamento, com as identidades e com o relógio, como o ‘guardião do tempo’. Foram muitas narrativas, umas muito criativas, outras descritivas, mas todas que envolviam as dimensões da representação cultural do relógio para o ensino de história. Descrever cada uma delas, não será possível, dado o limitado espaço de um artigo, mas duas delas, que serão relatadas aqui, contribuem para que se compreenda o entendimento sobre o patrimônio cultural no ensino de história. A narrativa da história: “Em Três Lagoas é difícil pegar ônibus”, diz que:

Em Três Lagoas é difícil pegar ônibus!

Essa fala se deu a partir da experiência de um jovem estudante ao perder o ônibus que o levaria para a universidade.

Morador na Rua Paranaíba, 279, próximo à praça central e ao relógio central. O ponto de ônibus principal fica na praça central, na Avenida Rosário Congro.

Na tentativa de solucionar esse problema, o jovem estudante teve a brilhante ideia de adiantar seu relógio. Para tanto, utilizou como parâmetro o relógio central. (...) Mas, não se sabe o que aconteceu, se foi o relógio do estudante que retornou ao horário correto ou se foi a transformação da rotina dele, acabou por fazer com que nosso personagem voltasse a perder o ônibus.

O interessante dessa história é que independente da rotina das pessoas ou das marcas dos relógios ou mesmo os tipos desses, o relógio central, um marco da cidade, continua com seus horários incorruptíveis. Pena que o estudante insista em confiar em seus relógios e a perder o ônibus. E segue com o discurso:

- Em Três Lagoas é difícil pegar ônibus!

Uma outra narrativa, intitulada: “O relógio solitário” apresenta outras informações a partir da fotografia que mostrava o relógio com muitas árvores no seu entorno. A narrativa relatava que:

Havia um belo bosque em torno do relógio, este relógio sentia-se muito solitário por não ter pessoas por perto que ele pudesse orientar. Foi quando o bosque foi invadido por um grupo de pessoas indígenas. Os nativos desse grupo estavam fugindo da perseguição dos homens que tomaram suas terras, de olho na exploração das riquezas naturais.

Os nativos acharam o bosque em torno do relógio um lugar seguro para se refugiar. Ao vê-los tristes, o relógio os indagou: - De onde essas pessoas tão tristes vieram?

Foi quando dentro da sua solidariedade o relógio convidou-os a compartilharem do espaço até então solitário. Os nativos agradecidos pelo convite lhes disseram:

-Obrigado amigo, que nossos ancestrais lhe deem uma longa jornada através dos tempos.

O relógio sorriu acarinhado com a saudação e para celebrar aquele momento de aliança fez com o tempo passasse vagarosamente diante do pôr do sol que selava aquela nova convivência.

Essas narrativas descrevem, cada uma a seu modo, um olhar específico sobre o relógio, mas aglutinaram concepções e ideias que envolveram o relógio como objeto central na história. Mas, também inseriram outras concepções como a vivência indígena, os meios de transportes, a passagem do tempo.

Nesse processo de análise, visamos envolver as narrativas seguindo uma premissa proposta por Jörn Rüsen (2014), em que se traz à tona um aumento da “experiência do passado humano, tanto como um aumento da competência histórica que dá significado a esta experiência, e na capacidade de aplicar estes significados históricos aos quadros de orientação na vida prática”.

A intenção em aprofundar as análises sobre o patrimônio histórico e sua utilização no ensino de história, foi além do esperado, uma vez que a partir dessas discussões, outras possibilidades. Uma delas foi da utilização da construção das histórias produzidas na Educação Básica, em que será abordado através da Educação patrimonial, as diferentes representações que o patrimônio histórico pode significar para as pessoas que vivem na cidade.

De certa forma, quando se pontua analisar o patrimônio cultural no ensino de história, há que se ter cuidado com a complexidade de informações, bem como da possibilidade de perder-se em meio a muitas narrativas construídas sobre os patrimônios, por diferentes gerações. Por isso, o objetivo central, que era refletir com acadêmicos/as sobre a importância do uso do patrimônio no ensino de história, foi alcançado e, até mesmo, superado através das narrativas.

Deste modo, a narrativa é a face material da consciência histórica. Neste contexto, a narrativa é entendida como a forma usual da produção historiográfica, que pode emanar de escolas diversas. Pela análise da narrativa histórica, se ganha acesso ao modo como o seu

autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história (RUSEN, 2014).

Logo, as investigações acerca do uso do patrimônio cultural e a história local possibilitam a ampliação das análises sobre a cultura histórica, produzida e socializada por diferentes grupos sociais, favorecendo as reflexões sobre o saber e o fazer histórico na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. *Revista Faculdade de Letras. História*, Porto, série 3, v. 2, p. 13-21, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: Os patrimônios culturais como gênero do discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.) *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, 108-123.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

IPHAN. *Instituto do Patrimônio Histórico e artístico nacional*. <<http://www.iphan.gov.br/bens/P.%20Imaterial/imaterial.htm>>. Acesso em 15/2/2016.

\_\_\_\_\_. *Legislação Patrimônio*. <<http://www.iphan.gov.br/bens/legislaçãopatrimônio.htm>>. Acesso em 15/2/2016.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, 2008.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Patrimônio, memória e ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. (Org.). *Ensino de história: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Natal/RN: EDFURN, 2008, p. 95-101.

ORIÁ, Ricardo. Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes*. Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 1990.

POLLACK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RUSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Rio de Janeiro: Vozes. 2014

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensino de História*. São Paulo: Scipione, 2008.

## **FONTES**

Arquivo Público do Município de Três Lagoas. (imagens e documentos)

Núcleo de Documentação Histórica/Curso História-UFMS/CPTL (imagens e fontes)

Secretaria de Cultura do Município de Três Lagoas.

Jornal O Povo (2013, 2014).

***RECEBIDO EM: 29/08/2015***

***APROVADO EM: 23/11/2015***